

Secção literaria

O GALVÃO

Após a a leitura do *Trabalho*, de Emilio Zola
Depois o Lucas, calmo e sem rancor,
safu do tribunal, de fronte erguida
ao alto, como a vida
que tem a flumina-la um grande amor.
Compassado e tranqullo, pela rua
da pequenina aldeia de Beauclair,
ia revendo a consciencia sua,
como se fosse um corpo de mulher.

Na honesta mão, segura uma bengala,
mas fraca do que um vime.
Não vá alguém supór que, por leva-la,
o justo vá tentar injusto crimel...
Não vá alguém supór que algum receio
póde ter guardado no seu seio!...
Não vá alguém supór-lhe o pensamento
um pouco mais medroso, ou mais violento!.

II

«A' mortel á mortel!»—alguem gritou, e ele
conscientemente bom, sem medo á sorte,
e o coração sem fel,
ia andando, sereno, justo e forte.

A pouco e pouco, em grupos a chegarem
d'ali, d'além, creanças, mães e pais,
e contra o justo assim vociferaram,
com oio e com rancor, como chacais:
«A' mortel á mortel esse traidor, a mortel...»
E ele sempre sereno, justo e forte,
olhava-os, com seus olhos, bons, leais.

Mas lento e lento, a multidão crescia
—seara enorme de odio e malquerença—
«A' mortel á morte, o ladrão!» E ele lá ia
com sua grande fé e a sua creença,
no Amor, no Trabalho—na harmonia
douta vida mais pura e mais intensa.

III

A seus pés uma pedra veio cair,
abrindo um sulco pela terra fóra:
outra com força parte, indo ferir
a sua honesta mão demolidora.

E no horizonte infinito, o sol poente,
o sol da despedida,
inda chegava á terra, terno e quente,
inda mandava aos homens tanta vida!

IV

Subitamente, alguém, uma pedrada
certeira lhe atremessa,
e a pedra, sibilando, foi, malvada
bater-lhe na cabeça!...

O sangue generoso, em gota, a fio,
a terra que ele pisa vai regando,
e a multidão em ar de desafio,
«A' mortel á mortel!»... vai vociferando.

«A' mortel á mortel o ladrão!» E ele ia,
com a sua grande fé e a sua creença,
no Amor, no Trabalho—na harmonia
douta vida mais pura e mais intensa.

E no horizonte infinito, o sol poente,
o sol da despedida,
inda chegava á terra, terno e quente,
inda mandava aos homens tanta vida!

1901. VALENTIM MACHADO

As virgens da dor

Vi-as ao amanhecer de cada
dia. Vi-as caminharem pela rua
em filas intermináveis, acudindo
ao chamamento dos apitos das fá-
bricas e encerrando-se nos presí-
dios industriais. Vi-as anda em
com ritmo silencioso e macabro,
esfinges da morte, arrastando-se
monotonamente como folhas secas
impelidas pelos ventos outonais.
Vi-as com seus pávidos rostos, seus
pómulos rosados e, em seus lábios
exangues, o esputo sanguinolento,
arauto da morte, portador do ter-
rível morbo, a tísica. Vi-as irem
sem luz nos olhos, sem riso nos
lábios, sem poesia no coração,
sem lhes sair da boca a jovial can-
ção da alegria de viver, porque a
sua garganta enrouquecida apenas
sabe imitar o eco de um grito de
suprema dor.

E' essas filas intermináveis,
que eu vi ao amanhecer de cada
dia dirigirem-se ás oficinas pre-
sídios, são de jovens virgens da
dor, filhas do povo que tritiram
os seus músculos e matam as be-
lezas do seu corpo e da sua alma,
ali, junto das máquinas, amarra-
das ao potro da exploração infame
de que as torna vítimas um
mundo vil.

E ali, no antro malsão, sem
ar nem luz das fabricas e oficinas,
são por torpes e criminosas mãos
de burgueses sifilíticos abertas as
corolas dessas virgens da dor,
dessas filhas do povo, não ao
amor que redime e salva, mas ao
cio brutal que se revolve no sujo
ventre e pisa as pétalas murchas
da inocência, na lascívia, ignóbil
dos verdugos do povo, o qual tra-
balha e sofre, chora e geme, sem
ter jamais sublimes gahardias de
felino, por terem caído ha muito
as asas ao milhafre da fábula de
Górkí.

E essas filhas do povo, vir-

gens da dor, flores truncadas em
sua fragrante primavera, tendo
deixado punhados de nervos, pe-
daços de músculos, fibras de vida
nas aras do capitalismo desuma-
no, deixam ainda nas mãos dos
verdugos as belezas da sua alma
virgem, a poesia dos sonhos do
seu coração sedento de amor, que,
ao palpar da carne, trémulo de
comoção sublime, anela o beijo
ardente e puro.

E essas virgens da dor arras-
tam as suas carnes fálidas e tu-
berculosas das fábricas-presídios
ao lupanar; e daqui, vão os seus
corpos túmidos e putrefactos para
o anfiteatro dum hospital.

São essas as virgens da dor,
as filhas do povo, que eu vi, ao
amanhecer de cada dia, dirigirem-
se ás oficinas-presídios, chama-
das pelos apitos a vapor do Capi-
talismo desumano.

RAFAEL RUEDA

O parlamento e a acção directa

na Revolução Franceza

...O campnês nada tinha gan-
hado ainda de positivo na Revolu-
ção. O direito feudal com todos
os seus foros, tão numerosos
como pesados, permanecia. Tudo
o que as as insurreições dos cam-
poneses tinham obtido da Assem-
bleia Nacional, em agosto de 1879,
havia sido a permissão de resgar-
tar os foros feudais, não sendo
mesmo fixado o seu valor nem tor-
nado obrigatorio o seu resgate. Fi-
cava ainda a dizima. Quanto ás
terras que os senhores, os conventos,
a Igreja tinham arrebatado
durante o 17.º e 18.º século ás co-
munas dos camponeses, nada ain-
da tinha sido feito para legalizar
a sua retomada onde ela fóra fei-
ta á força pelos camponeses, e ain-
da menos para a generalizar onde
não fóra feita.

Pior de que isso, Em junho de
1790, foi votada uma lei, de que
os historiadores, admiradores da
ordem, abstem cuidadosamente
de falar, segundo a qual o não pa-
gamento das dizimas ou dos foros
feudais era severamente castigado
e punido de morte toda a propa-
ganda contra a dizima.

Vimos... ao analizar esse do-
cumento histórico tão interessan-
te, o panfleto de Brissot a seus
constituintes—que se a França
não tinha entrado na «ordem» de-
pois de ter feito uma república
burguesa, a culpa era—a crer Bris-
sot—dos que então foram chama-
dos «os anarquistas».

...Estes estão fóra da conven-
ção. Estão—deve dizer-se—acima
dela; dominam-na.

São revolucionários dissemi-
nados por toda a França. Deram-
se de corpo e alma á revolução;
compreendem a sua necessidade;
amam-na e trabalham por ela.

Muitos agrupam-se em volta
da Comuna de Paris, porque é
ainda revolucionária, outros vão
ao club dos Jacobinos... Mas o
seu verdadeiro terreno é a secção,
e sobretudo a rua.

...São eles (diz Brissot) que
enviam «os emissarios que vão
por toda a parte prégando a guer-
ra dos sans-culottes contra os pro-
prietários»; são eles que prégam
«a necessidade de nivelar as for-
tunas»

...«Considerai—diz Brissot—os
departamentos que souberem en-
cadear o foror desses homens fe-
rozes; considerai, por exemplo, o
departamento da Gironda. Ai a
ordem reinou constantemente: o po-
vo submetem-se á lei, embora pa-
gasse o pão até a dez soldos o
arrátel...»

E isso escrevia-se logo depois
de 10 de agosto, quando o mais
cego não podia deixar de compre-
ender que se em toda a França o
povo se tivesse «submetido á lei
embora pagasse o pão até a 10
soldos o arrátel,» não teria havi-
do revolução alguma, e a rialeza
que Brissot finge combater reinar-
ia talvez mais um século como
na Rússia.

...«Quem pode agora duvidar
—diz ele—do mal horrível causado
em nossos exércitos por esta dou-
trina anarquista, que, á sombra
da igualdade dos direitos, quer
estabelecer uma igualdade uni-
versal, e de facto, flagelo da so-

cidade, como a outra é o seu
apoió?»

...Se a revolução tivesse acabo-
do com o triunfo dos brissoti-

nos, sem ter abolido o regime feu-
dal, nem restituído a terra—ás co-
munas—onde estaríamos hoje?
P. KRAPÓTKINE.

Antimilitarismo

Trabalho do grupo «Brochura Social»

lido na 1.ª sessão da Conferencia A. R. do Sul

E' pena que, por falta absoluta
de tempo, não haja uma sessão
exclusivamente destinada ao as-
sunto do antimilitarismo e á sua
propaganda.

A razão alegada é porem su-
ficientemente forte para que te-
nhamos que a aceitar e resignar-
mo-nos a dizer sobre o tema apenas
aquilo que julgamos mais essen-
cial.

Foi nesta ordem de ideias que
orientámos este nosso pequeno
trabalho, imperfeito, e sobretudo
incompleto por tratar apenas al-
guns aspectos de tão vasto pro-
blema.

Os anarquistas foram sempre
antimilitaristas; mas não á manei-
ra dos partidos políticos-burgues-
ses mais ou menos pintados de
socialismo, ou dos pacifistas, que
reclamam uns e outros a abolição
dos exercitos permanentes ou a
simples diminuição dos effectivos
militares, por constituirem um pe-
rigo permanente para a paz entre
as nações ou por sobrecarrega-
rem demasiado os orçamentos dos
Estados. Não! Somos antimilita-
ristas sobretudo porque vemos na
instituição militar uma das mais
solidas defesas da sociedade mo-
nopolista e liberticida que nos
opprime e explora.

A principal missão do exercito
é manter adentro das fronteiras
de cada país a Ordem imposta
por alguns a todos, o roubo como
princípio de organização economi-
ca, o aluguel das carnes e das
consciencias, do braço que produz
e do cerebro que pensa, manter a
miseria junto da opulencia, a morte
ao pé da vida, a corrupção e a
calúnia, a delação e a mentira, a
desordem em suma, contra aque-
les que defendem, mais por actos
que por palavras, a ordem pelo
livre accordo e não pela violencia,
a solidariedade substituindo a co-
rrencencia e o roubo, como base de
organização economica, a produ-
ção para o consumo e não para o
comercio.

O nosso antimilitarismo é a
consequencia lógica do nosso con-
ceito de liberdade.

Somos contrarios ao princípio
de autoridade, de disciplina im-
posta—base indispensavel de toda
a organização militar. Combate-
mos a propriedade privada, o mo-
nopolio das terras e dos instru-
mentos de trabalho—razão de ser
dos exercitos

Existem bandos armados por-
que existem privilegios de castas
ou de raças que é necessario
manter pela força, pela violencia
das armas, contra a vontade do
maior número. Somos contra o
privilegio e contra os que o defen-
dem.

Todos os dias temos a prova
de que o exercito é uma institui-
ção de caracter essencialmente
conservador. Em todos os confli-
tos entre o capital e o trabalho o
exercito intervem sempre a favor
dos privilegiados, dos monopolis-
tas.

Sob o pretexto de garantirem
a liberdade de trabalho—e digo
sob o pretexto porque actualmente
só trabalham livremente aqueles
que tem terras e ferramentas—
praticam os exercitos, diariamen-
te, as maiores torpezas para obri-
garem os trabalhadores a render-
se. Para assegurar, dizem eles, o
regular funcionamento da maqui-
na social vemos los constantemente
fazendo officio de fura greves.

Sempre que o povo se levanta
exigindo mais pão ou mais liber-
dade, encontra em volta dos pri-
vilegiados uma intransponivel mu-
ralha de aço.

E, facto interessante e á pri-
meira vista paradoxal, são os pro-
prios trabalhadores, cujos interes-
ses como classe estão em comple-
ta opposição aos da classe dominan-
te (politic e economicamente,) que
estão sempre prontos a defender,
com as armas na mão, os privi-
legios dos nossos comuns gover-
nantes e exploradores.

A primeira e ultima das mais
importantes missões da caserna
é, pois, fazer com que os traba-
lhadores atraiçõem a sua propria
causa, transformando-os em ins-
trumentos inconscientes de defesa
da sua propria escravidão.

Internacionalmente, os exerci-
tos em vez de serem uma garan-
tia de paz, constituem, pelo con-
trario, uma constante ameaça de
guerra. São os proprios factos
que se encarregam de no-lo de-
monstrar.

E deste estado de espirito o
temor constante da guerra, tira
a classe dominante o maximo pro-
veito. Serve-lhe em primeiro lo-
gar para justificar a existencia de
exercitos permanentes cada vez
mais numerosos. E os traba-
lhadores sob o jugo da disciplina im-
posta da caserna, perdem em
parte o sentimento de solidarie-
dade para com os seus camara-
das e o espirito de revolta.

O aumento dos effectivos traz
como consequencia logica o alar-
gamento correspondente dos qua-
dros dos militares profissionais
que lhes garante mais rapidas
promoções e a sua influencia co-
mo classe cada vez mais pronun-
ciada na gerencia dos negocios
do Estado, razões que, a nosso
ver, justificam plenamente a acti-
vidade dos nossos varios *Leotes*
na campanha a favor da defesa
nacional.

Outra consequencia do aumen-
to dos effectivos é a aquisição con-
stante de novos armamentos que
dá fabulosos lucros ás casas cons-
trutoras e chorudas gorjetas aos
que servem de intermediarios nes-
tes patrióticos negocios, como fi-
cou brilhantemente provado, en-
tre outros, pelo camarada Delaisi
no seu folheto *Le patriotisme*
des blaques blindées.

Mas para a burguesia, a mais
importante de todas as consequen-
cias do militarismo e do temor
constante das guerras, é o estado
de desconfiança e odio mutuo que
existe entre os trabalhadores dos
diferentes paizes que se conside-
ram inimigos uns dos outros. E'
este, com effeito, um dos maiores
obstaculos á realização dos nos-
sos ideais de emancipação.

Somos contra a existencia de
fronteiras que dividem arbitraria-
mente a humanidade e geram o
odio de raças; que desviam as
atenções dos trabalhadores, dos
seus verdadeiros inimigos—gover-
nantes e patrões—para um ima-
ginario inimigo de alem fronte-
iras—outros trabalhadores que
igualmente lutam pela sua eman-
cipação.

Por tudo isto declaramos nos
abertamente antimilitaristas, isto
é, adversarios de qualquer especie
de instituições que tenha por base
a disciplina imposta e por finali-
dade a conservação da desordem
actual; julgamos da mais absoluta
necessidade uma intensa propa-
ganda antimilitarista que, não po-
dendo evidentemente ser moldada
em processos rígidos e uniformes,
seja contudo orientada de preferen-
cia no sentido de evitar que os
trabalhadores uma vez na caser-
na pela força das circunstancias,
atraiçõem a sua propria causa,
seja nos conflitos internacionais
chacinando os seus companheiros
de miseria e de aspirações de
alem fronteiras, seja nas lutas en-
tre o trabalho e o capital, prote-
gendo a exploração burguesa con-
tra os seus proprios interesses de
classe;

—Consideramos as guerras
uma mistificação para os traba-
lhadores que nada de comum com
a burguesia tem a defender e que
devem, pelo contrario, tentar im-
pedir inúteis derramamentos de
sangue pela greve de reservistas
e a paralisação geral do trabalho,
sobretudo nos meios de trans-
porte, procurando ao mesmo tem-
po aproveitar-se da ocasião para
pôr em pratica as suas ideias de

socialização das terras e instru-
mentos de trabalho, contra os go-
vernantes e exploradores nacio-
nais ou estrangeiros que a isso
se oponham;

—lembramos que seria da ma-
xima utilidade para a propaganda
antimilitarista, que em cada loca-
lidade em que existisse um corpo
de exercito permanente, um grupo
de camaradas se encarregas-
se voluntariamente de se pôr em
relações com grupos (ou mesmo
camaradas isolados) de todo o
paiz, dos quais receberia em cada
recrutamento os nomes dos
camaradas ou simpatisantes que
fossem ser aquartelados nessa lo-
calidade, afim de, pondo-os em re-
lação uns com os outros, lhes dar
a audácia necessaria para a propa-
ganda, audácia que resulta do
conhecimento de que não estão
isolados e que junto deles outros
há que lutam pela mesma causa
e que tambem não estão dispostos
a servir de assassinos dos seus
companheiros de miseria e de as-
pirações;

—julgamos essencial enten-
dermo-nos para protejeremos duma
maneira eficaz aqueles camaradas
que não podendo aturar a vida ins-
supportavel da caserna tenham ti-
do a coragem de arrostar com to-
das as perseguições para abando-
nar a vida ociosa e imoral do quar-
tel;

—E por ultimo saudamos to-
dos aqueles que, como Masétti se
souberam conservar homens den-
tro da farda ignominiosa que á
força lhes envergaram.

Critico... silingórnio

...Depois de nos ter matado o
bicho do ouvido, cantarolando os
seus inegalaveis alexandrinos de
11 sílabas e os seus pompósos he-
roicos de 8 e 9; depois de nos ter
apresentado, impudentemente, os
seus contos literários em que as
belezas da lingua andavam aos
coices ás regras da gramática—a
«fartura de fome» é característica.
—S. J. deu em censor. E vai bem,
não ha duvida. Tão bom, que a sua
alta intelligencia, exprimindo-se
com uma facilidade verborreica e
pleonástica, obrigou-o a alçar a
perna e a mostrar, sofrivelmente,
a ferradura... Coisas da vida, co-
mo dizia o outro...

Mas para que não fique sema-
nas e semanas a conjecturar, sob-
re a «ordem», sofrendo com isso
o seu talento estupendo mais a
sua caixa cornea, apressamo-nos a
ilucidar tão ilustre puritano. Como
veem, somos generosos em excés-
so.

A determinação do corpo ad-
ministrativo do jornal a que o pe-
tulante censor se refere, obede-
ceu ao facto muito natural e muito
lógico, de S. J. e consortes não
terem um centavo para dar por
um jornal—ou por um aquilo deles—
e possuirem dois e tres cen-
tavos para empregar em copos de
vinho... Deficits não se extin-
guem com cantigas; é com di-
nheiro, percebe-se?... E quem tem
amor á propaganda das suas
ideias, acode sempre ás necessi-
dades materiais que elas acarre-
tam. Faria isso algum dia S. J.?
Não nos parece... De maneira
que marótos e dignos de censura,
são só os outros, os que á propa-
ganda tem sacrificado tudo, in-
clusivamente a própria saude.

Bate certo, á Silva Pinto...

Fazei com que o bem dos particu-
lares esteja tão estreitamente ligado
com o bem geral, que um cidadão
não possa quasi prejudicar a socie-
dade sem se prejudicar a si próprio.

Diderot

Nucleo Juventute Sindicalista (Porto)

Reunião geral.—Cum-
prindo a doutrina das «Ba-
ses de Acordo», são convi-
dados todos os socios des-
te Nucleo a comparecerem
no proximo domingo, 30,
pelas 10 e meia horas na
sede do Nucleo, rua do La-
ranjal, 60-3.º, afim de se rea-
lisar a reunião geral.